

TEMATIZANDO PRÁTICAS AFRODIASPÓRICAS NO ENSINO REMOTO

ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA



A presente narrativa ocorreu no período posterior a escrita da dissertação de mestrado¹. Na ocasião, estava vislumbrada e afetada pela disciplina *Redes educativas e culturais, cotidianos e currículos*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que cursei no segundo semestre do ano de 2020. No curso, acessei a escrita de Silvio de Almeida – autor do livro *Racismo Estrutural*, dentre outras obras. Em seus textos, o autor menciona situações de injustiça social, apontando questões sobre minorias e desigualdades. Uma das frases ressaltadas na ementa da disciplina, por exemplo, é: “O racismo é estrutural na sociedade brasileira”, extraída de uma das obras de Silvio Luiz de Almeida.

A iniciativa de divulgação do presente texto se deu a partir do aceite do trabalho intitulado *Relato de experiência sobre práticas afrodiáspóricas no ensino remoto emergencial*, em formato de Resumo Expandido, no XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Essa escrita atual objetiva ampliar o debate, de forma mais detalhada. Diante disso, o presente capítulo anseia narrar experiências de tematização de práticas afrodiáspóricas, no ensino remoto emergencial, baseadas em vivências ocorridas no Campus Tijuca I (CT1) do Colégio Pedro II (CPII).

¹ SOUZA, A. C. C. *Possíveis caminhos de ressignificação curricular na Educação Física: uma perspectiva multicultural*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGEF/UFRJ. Rio de Janeiro, 2021.

Reconhecendo que, diante da tentativa de transformar a realidade social brasileira, toda proposta que desestabilize a lógica dominante é bem-vinda (NEIRA, 2011) e pautada na possibilidade de repensar o currículo a partir da resignificação dos conteúdos das aulas de Educação Física, bem como na oportunidade do cumprimento da lei número 11.645 de 2008.

A conjuntura da vivência, que aqui será narrada, foi singular, enfrentávamos a pandemia ocasionada pelo COVID-19, que contribuiu para o aumento das desigualdades e as evidenciaram. Nesse cenário, guiados pelo combate aos malefícios do isolamento à saúde da população, alguns professores de Educação Física passaram a elaborar propostas de atividades e orientar através das redes sociais.

Alguns colégios realizaram ações durante a suspensão das aulas e agiram em resposta a esse cenário. Diversas ações solidárias foram realizadas, como, por exemplo, a doação de alimentos, vaquinhas para famílias que não tinham como custear o gás de cozinha e doação de cestas básicas organizadas pelos diferentes *campi* do colégio. As discussões em reuniões pautavam-se também em preocupações com as “armadilhas” do ensino à distância.

Imagem 1: Ação solidária desenvolvida por docentes voluntários do CT1



Fonte: Instagram solidaridadetijuca1

No CPII, em 2021, os encontros remotos ocorriam semanalmente. A possibilidade de interação com os estudantes era por áudio, vídeo e chat durante as “aulas” que ocorriam pelo *Google Meet*, havia também comunicação por e-mail ou pela plataforma *Moodle*², que permite interação por chat, jogos, fóruns, envio de tarefas e outras ferramentas interativas.

Algumas mudanças foram necessárias, mas a articulação com o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) (2017/2020) ainda era uma meta. Diante disso, a equipe de Educação Física do campus Tijuca I (CT1), unidade de ensino fundamental, primeiro segmento, se mobilizou para enfrentar as adversidades do ensino remoto e conseguir, minimamente, dialogar com os estudantes sobre temas potentes e socialmente marginalizados, como foram as discussões e vivências de propostas afrodiaspóricas.

Parece que as professoras encontraram fôlego para seguir trabalhando em meio às condições precárias impostas pelo ensino remoto emergencial, as quais se evidenciaram diante das circunstâncias a que muitos foram submetidos, como os escassos recursos digitais e a necessidade de conhecimento imediato sobre tecnologia. Apesar dos desafios impostos pelo ensino remoto emergencial, e com objetivo de desconstruir estereótipos negativos imputados sobre as culturas africanas, foram feitas discussões e apresentações de propostas afrodiaspóricas.

Criação de vídeos, imagens ilustrativas, textos, jogos interativos, entre outros usos de recursos digitais viraram rotina para as docentes do CT1, que através das plataformas blog³ da escola, Moodle e canal do YouTube⁴ elaboraram materiais didáticos que eram acessados pelos estudantes e que complementavam as ações pedagógicas que ocorriam de forma síncrona através do Google Meet. A resposta dos estudantes ocorria também através de vídeos e e-mails.

Dentre os materiais acessados que merecem destaque, podemos considerar os vídeos criados e protagonizados pelas docentes no canal do

² Disponível em: <https://ead.cp2.g12.br/>. Acesso em: 01/05/2023.

³ COLÉGIO PEDRO II Campus Tijuca I. Blog. 2020. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/blog/tijuca1/>. Acesso em: 01/05/2023.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@educacaofisicacpiit145>. Acesso em: 01/05/2023.

YouTube⁵ denominado Educação Física CPII T1 (2020), que retrataram as possibilidades de realizar, por exemplo, as práticas corporais: pombo ou matacuzana, de Gana⁶ (imagem 2) também conhecido como “jogo das pedrinhas”, “cinco marias”; “pegue o bastão”⁷ que é uma brincadeira do Egito; brincadeira cantada: “si mama kaa”⁸ da Tanzânia; saltando feijão⁹, jogo da Nigéria; o ampe¹⁰. O labirinto¹¹ (imagem 3) e o shisima¹² (Imagem 4), jogos de tabuleiro também de matriz africana.

Imagem 2: Registro de estudantes realizando matacuzana



Fonte: arquivo pessoal

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@educacaofisicacpiit145> acesso em 13/07/2023.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xv1-LzNQ8kA&t=12s> acesso em 13/07/2023.

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M87IYay_liU acesso em 13/07/2023

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ilLNwQNF004> acesso em 13/07/2023.

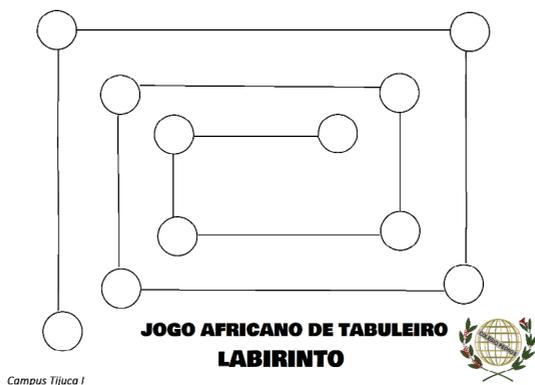
⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FJisBYiAicg> acesso em 13/07/2023.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2SR_k2qTTqM acesso em 13/07/2023.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iz6sU7NviSw> acesso em 13/07/2023.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Iz6sU7NviSw&t=48s> acesso em 13/07/2023.

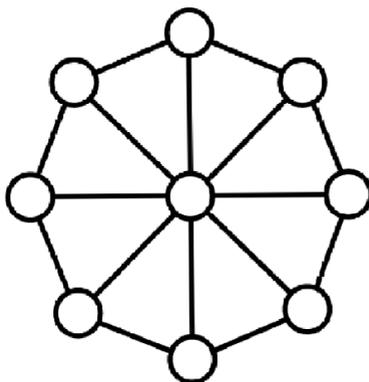
Imagem 3: Ilustração do labirinto para impressão divulgada no Moodle



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 4: Ilustração do tabuleiro do Shisima para impressão divulgada no Moodle

**JOGO AFRICANO DE TABULEIRO
SHISIMA**



Campus Tijuca I



Fonte: arquivo pessoal

O uso de vídeos de outros canais do YouTube também foi uma ferramenta pedagógica utilizada. Como quando os estudantes foram motivados a vivenciar a brincadeira amarelinha africana¹³ ou teca-teca através de uma publicação no Moodle que explicava que o continente africano é o 3º maior do mundo e que essa informação foi extraída de uma fala de um estudante. A tarefa solicitava que os estudantes pesquisassem sobre a rica cultura africana, buscando informações históricas e geográficas. Na publicação sobre a amarelinha africana, havia orientação para desenhar no chão de giz, ou utilizando fita crepe para ilustrar o traçado do jogo formando um quadrado, com 16 quadrados menores dentro. Os estudantes enviaram registros vivenciando, como ilustra a imagem 5.

Imagem 5: Estudantes vivenciando a amarelinha africana



Fonte: arquivo pessoal

Os estudantes eram convidados a enviar registros de atividades, as quais de e-mails ficaram repletas de mensagens retratando suas vivências africanas ou afrodiaspóricas. Um estudante inclusive enviou o registro

¹³ Vídeo que orientava a atividade, disponível em: <https://youtu.be/tgYsOo2X0Ew> acesso em 13/07/2023 e música utilizada, disponível em: https://youtu.be/sonm_4zjpm0 acesso em 13/07/2023

praticando o jogo de tabuleiro yoté, proposta que não tinha sido sugerida ou acessada pelas docentes e que posteriormente virou tema de diálogo no encontro síncrono.

Imagem 6: Registro do estudante realizando o jogo de tabuleiro africano yoté



Fonte: arquivo pessoal

Os vídeos foram acessados pelos estudantes, algumas propostas foram possíveis replicar no modo síncrono, como o brinquedo cantado “si mama kaa”, visto por quase todos os estudantes matriculados na escola, que inclusive foi o vídeo mais acessado, e atualmente possui 11 mil visualizações. No retorno das aulas presenciais, os estudantes lembraram da proposta e quiseram replicar coletivamente. Ademais, no canal foi incluído um vídeo ilustrando a atividade ritmada “ugoni¹⁴”, possível de ser realizada sozinho ou em grupo.

Parece que esse meio de divulgação dos conhecimentos acessados na escola, veio para ficar e cada vez mais os docentes têm usado esse artifício para divulgar materiais didáticos e experiências pedagógicas. Assim,

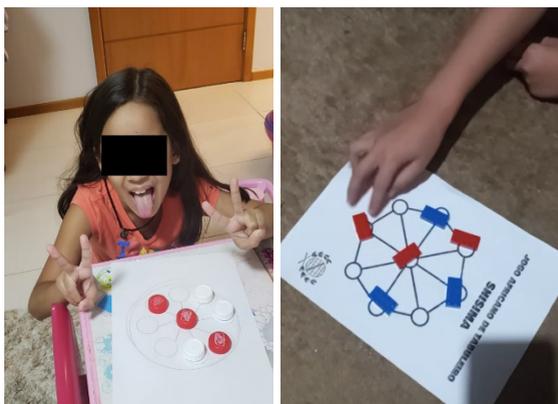
¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U0zvKHGE2aw&t=11s> acesso em 13/07/2023.

a função social da escola encontrou outro mecanismo de difusão do conhecimento e a tecnologia tem auxiliado nesse sentido.

No Moodle (2020), além de divulgar os vídeos do YouTube, outras práticas corporais como capoeira e maculelê foram tematizadas, inclusive expondo principais representantes, instrumentos musicais, vestimentas e a contextualização histórica dessas práticas, dialogando sobre possível local de origem. Nos encontros síncronos o livro *A lenda do maculelê*¹⁵ foi lido e os estudantes puderam dialogar sobre o tema, inclusive foram convidados a realizar os gestos do maculelê utilizando canetas ou garrafas em substituição das grimas (bastões). Exploramos os diferentes movimentos tanto da capoeira, quanto do maculelê, através da vivência ou visualização de ilustrações.

Outra proposta convidava os estudantes a enviarem vídeos e textos realizando as práticas corporais mencionadas. Recebemos muitos conteúdos, como vídeos e textos, retratando vivências que mobilizaram toda a família, como ilustra a Imagem 7.

Imagem 7: Registros dos/as estudantes vivenciando práticas afrodiaspóricas



¹⁵ SARAIVA, M.; LACORTE, A. *A lenda do maculelê*. 1ª edição. Metanoia, 2018.

Tematizando práticas afrodiaspóricas no ensino remoto



Fonte: arquivos pessoais

Foi uma grande oportunidade de dialogar sobre os diferentes temas que compõem o repertório cultural africano, nos diferentes meios de comunicação, dentre eles, os estudantes pudera expressar seus conhecimentos e as sensações que tiveram ao experimentar tais práticas, como ilustra a imagem 8, quando um estudante expressou ter amado a vivência do shisima, situação que só foi possível por termos compreendido a importância de experimentar práticas socialmente marginalizada.

Imagem 8: Registros dos/as estudantes vivenciando práticas afrodiaspóricas

RJ, 15 de Março de 2021,
Nome: Miguel Domingos de Araujo.

1- Saltando feijão:
Foi uma brincadeira, muito legal amei.

2- Matabuzano:
Eu, achei difícil e legal, não tenho mais palavras.

3- Shisima:
Amei, amei, amei. Eu achei, sem dúvida por jogar com meu melhor amigo.

- 1-Eu gostei muito, eu até brinquei de pulando feijão com meu pai e minha irmã.
- 2-Eu achei difícil o jogo mas uma hora eu consegui fazer.
- 3-Eu achei muito legal porque é um jogo de estratégia.

Professora,

Segue em anexo o vídeo sobre a atividade "Pulando feijão, **Matacuzana** e Shisima".

A experiência foi bastante rica nos sentidos afetivo, cultural, artístico e familiar. Helena adorou conhecer as brincadeiras apresentadas e as que pesquisou também.

Esta brincadeira de origem africana é muito próxima da amarelinha popular que conhecemos no Brasil, chamada teka teka. Mais conhecida como Amarelinha Africana, a brincadeira veio da região de Niassa, em Moçambique, um país do continente africano. Ela foi retirada do livro chamado "Jogos de Moçambique", de Antonio Prista, Mussá Tembe e Hélio Edmundo, que apresenta jogos e brincadeiras de todas as regiões do país.

Desculpa a demora para enviar o trabalho.

Abraços.

Fiz a dança do Si mama Ka foi legal bom e muito bom. Essa atividade gostei muito bom porque eu Fiz com aminha Mãe e ela pegou rápido a dança, eu me diverti com ela.

Fonte: arquivos pessoais

Evidencia-se, portanto, que os estudantes puderam minimamente acessar tais conhecimentos, vivenciando práticas corporais de diferentes países da África, conhecendo e reconhecendo a riqueza do território africano. Pode-se afirmar que, a partir do discurso dos/as estudantes ao final das atividades, os temas debatidos geraram reflexões a respeito da necessidade e urgência da valorização da cultura africana no Brasil e atenuação de preconceitos a tais culturas.

Embora reconhecemos ter tratado de forma breve alguns assuntos que mereciam ser mais aprofundados em aulas, acreditamos que tenha sido deveras relevante ao menos, de forma sucinta, abortar alguns destes, pois não poderia usar o pouco tempo com os/as alunos/as como justificativa para não tematizá-los.

Portanto, vale ressaltar que [...] as manifestações corporais que formam a cultura brasileira são inegavelmente marcadas pela africanidade. Sendo a escola um espaço democrático e laico, é pertinente resgatar a cultura africana e afro-brasileira¹⁶. Nesse sentido, é preciso olhar para a beleza do patrimônio africano para que possamos admirar e, efetivamente, valorizar nossa ancestralidade em todo âmbito social, inclusive reconhecendo a possibilidade desta valorização emergir de aulas de Educação Física.

¹⁶ SILVA A. A. F. et al. (orgs.) **Tua cor é o que eles olham**. HP Comunicação Editora. Rio de Janeiro: 2017.